

14 de março de 2020

Proibiram-nos as visitas. O que será destes dias cada vez mais isolados e envelhecidos? Não quero acreditar que perdure no tempo esta indefinição, este desconhecimento, esta sensação de impotência. Sinto-me a cada hora mais só e condenada à solidão. Os telefonemas da minha neta sabem a pouco, muito pouco, quase nada. Sinto falta da sua mão na minha, dos seus olhos nos meus, do seu abraço doce na despedida. Os auxiliares aparecem-nos de máscara e viseira. Parece o fim do mundo. Talvez seja mesmo. O fim do mundo como o conhecemos.

20 de abril de 2020

Os sorrisos dos outros desapareceram dos nossos dias. Às vezes consigo vislumbrá-los em alguns olhares mais duradouros. Mas leio sobretudo muita tristeza nas expressões corporais que sobraram visíveis. As máscaras desumanizam-nos, tornam-nos menos tolerantes e afáveis, fecham-nos mais no mundo cá de dentro e isolam-nos progressivamente do mundo lá de fora. Os nossos cuidadores bem tentam, só que não conseguem disfarçar a dor que os domina e o medo que os comanda.

18 de maio de 2020

Hoje aparecemos nas notícias. Para mim, o mais importante foi a razão que nos levou a sermos protagonistas da estória do dia. Através de uma plataforma elevatória, o lar permitiu visitas dos nossos familiares, através do exterior. Eles erguidos pela grua, nós à janela a vê-los pela primeira vez em dois meses de clausura. Um de cada vez, até que chegou a minha vez, a vez da minha neta. Mal podia conter a emoção, eu que já tanto vivi, e tantas intempéries enfrentei, ali estava quase sem conseguir respirar por rever a minha querida Mariana. Tenho a perfeita noção de que não dissemos nada muito eloquente nem cinematográfico. Essas conversas mais intensas e retrospectivas, temo-las mantido ao telefone. Hoje foi sobretudo a comoção dos sentidos, de perceber o brilho dos seus olhos, de ouvir a sua voz real e próxima, de sentir o aroma do seu perfume. Apesar do sorriso escondido pelo pedaço de pano e das palavras trôpegas pela pressão da presença dos jornalistas. Faltou-me apenas a mão na mão, a mão no rosto, o abraço. Faltou-me muito, afinal.

1 de julho de 2020

A minha neta entrou. Apesar da distância social imposta pelos novos ditames, senti-a mais perto do que nunca. A saudade de a ter assim, mais perto, multiplica sentimentos, intensifica emoções, desdobra ternuras. Contou-me entusiasmada os progressos na carreira, os avanços no namoro, as aventuras do mundo real, que segue lá fora. Não lhe contei as agruras da solidão, o pavor do desconhecido, o terror da morte antecipada. Reservei-lhe palavras de incentivo, convicção e confiança. Não seria justo tornar-me na sombra da sua luz, fazer de poeta trágico a carpir amarguras, confessar-lhe os reais anseios dos meus dias. Não foi falsidade de escritora dissimulada, foi poesia de nascer do sol na primavera. No livro do futuro, guardo para as entrelinhas a mágoa e enceto parágrafos de esperança.

15 de agosto de 2020

Saí. O sol, o sal, a suavidade da areia, o som do mar. Pés agora enrugados revivem tempos de outrora, felizes e ágeis na corrida, atrás das crias. Hoje escuto as gargalhadas das crianças dos outros e recordo as das minhas. Éramos tão felizes! Nem sabíamos o quanto, porque nunca nos tínhamos imaginado confinados, isolados, coartados na nossa liberdade, por uma doença que ameaça a nossa humanidade.

30 de setembro de 2020

Vemos nas notícias que os surtos em lares são o pão nosso de cada um destes terríveis dias. Idosos hospitalizados e a morrer protagonizam este drama que alguns incautos apelidam de “nova normalidade”. O que há de normal na morte em solidão? Onde está a normalidade neste flagelo que nos roubou a alegria de viver e nos impôs o medo do toque, da proximidade, do abraço? Não me conformo com a ideia de que o meu fim possa assumir estes contornos, que a minha partida possa ser um número para as estatísticas que diariamente desfilam nos ecrãs de televisão, que a minha morte possa vir a ser mais uma de muitas sem direito a um funeral condigno... Nesta luta solitária pela sobrevivência, foco-me agora em não perder a esperança. Tem de haver amanhã, tem de haver, tem...

5 de outubro de 2020

Rejubilho. Irradio. Renasço. A minha neta anunciou-me a sua última decisão. Vai aderir ao regime de teletrabalho e levar-me para sua casa, cuidar-me e proteger-me deste desvario, não sei se de Deus, dos Deuses, do Homem ou do Mundo. Salvar-me deste

abismo de frieza em que o lar residencial mergulhou, socorrer-me desta desgraça anunciada sobre o nosso futuro, acolher-me neste presente miserável em que nos condenaram a viver. Feliz! Feliz me confesso pela segunda oportunidade para continuar a viver, pela amnistia desta pena de tristeza perpétua, pelo potencial regresso dos sorrisos em plenitude.

30 de outubro de 2020

Tão depressa sonhava, ainda mais depressa os sonhos se suspendiam. Tão depressa não rumarei ao desejado porto de abrigo. O famigerado surto bateu-nos à porta, mesmo sem licença entrou-nos por corredores e escadarias, e roubou-nos de vez os sorrisos. O silêncio paira como ave de rapina à espera do último suspiro. Houve quem rumasse aos cuidados intensivos. Alguns já não vão regressar. Este tal de novo coronavírus é tão feio de aparência como de consequência. É o fim do mundo como o conhecemos, já dizia a música que o meu filho ouvia na juventude. É uma machadada na árvore da minha esperança. Espero que não seja a final.

7 de novembro de 2020

Entrei oficialmente para as estatísticas. Custa-me respirar ainda mais sabendo que serão algumas das últimas inspirações, algumas das derradeiras expirações. Sinto o corpo a desligar-se peça a peça, cada pulsação soa já a despedida. Vivi muito e não deixei muito por contar. A minha escrita sobreviver-me-á, tal como o fado perdura após Amália e A Persistência da Memória depois de Dali. Este último pergaminho, o diário da minha pandemia, ajudará a minha neta a conformar-se e a reaprender a viver sem mim por perto. Neste adeus, dirijo-me a ti, minha doce Mariana. A orfandade precoce levou-te a projetar em mim todos os afetos do teu pequenino coração e assim cresceram ao mesmo ritmo, coração e afetos. Saberás que fui feliz e cumpri quase todos os sonhos. Saberás que parti feliz, por saber que iríamos ser ainda mais felizes em breve. Só não fomos a tempo, minha querida. O teu luto precisa agora de tempo. Quase no fim, sei que o tempo me deu a mim quase tudo e que a ti, minha Mariana, também te trará a serenidade e o futuro. Morri na solidão, mas não sozinha. Tive-te sempre comigo e contigo te levo. Não sobrevivi à Covid-19, mas o meu amor por ti nunca sucumbirá, nestas palavras. Mantém-te firme, Mariana, sobrevive agora, para depois viveres tudo o que te roubaram, tudo o que nos tiraram, tudo o que...